

Produzindo Notícias: A imprensa cratense e as transformações sociais advindas com o surgimento desta.

Maria Daniele Alves *

RESUMO: O presente estudo propõe analisar o surgimento da imprensa na cidade do Crato, a partir do jornal *O Araripe* – sendo este o primeiro que circulou pelas ruas da cidade entre os anos de 1855 a 1865 – e as transformações sociais advindas com o aparecimento deste, contextualizando e caracterizando o espaço em que o referido jornal fora produzido e veiculado. Para isto, abordaremos as características gerais do *O Araripe* e destacaremos também suas particularidades, ou seja, as idéias centrais que este procurava propagar e calcar na sociedade cratense através da imprensa escrita. Vários acontecimentos foram registrados nas seções do jornal, momentos que compuseram uma vida cidadina e suas práticas sociais. Contudo, vale ressaltar que, os anúncios e notícias veiculadas no jornal tinham um caráter documental pelas informações que estes faziam circular, por abrangerem aspectos da vida social, cultural e ideológica de uma determinada comunidade.

Palavras-chaves: Imprensa, Crato, *O Araripe*.

A história da humanidade encontra-se mais nos romances que nos livros de história; e mais ainda que nos romances, encontra-se nos anúncios e notícias dos jornais. (FREYRE, 1979. p.03.)

Os jornais têm se tornado um dos recursos imprescindíveis para quem deseja conhecer o passado. Neles encontramos, a partir de seus anúncios e notícias, aspectos relevantes que vão sendo expostos em cada edição veiculada pelas ruas das cidades. Segundo Maria Helena Capelatto, a imprensa é um “manancial dos mais férteis para o conhecimento do passado, o que possibilita ao historiador acompanhar o percurso dos homens através dos tempos.” (CAPELATO, 1988. p.13.)

Na imprensa, encontramos informações históricas relevantes sobre a sociedade, seus usos e costumes, os interesses políticos e econômicos. Dessa forma, torna-se possível ter acesso aos fatos urbanísticos através das representações construídas e publicadas nos periódicos e que aos poucos identifica a sociedade a partir dos seus textos editoriais.

Percebemos os jornais não apenas como um meio informativo, mas como fonte, documento, local onde é guardada também a memória de um povo. Entendemos que os jornais são espaços de grupos sociais, que ali produzem suas idéias, opiniões e as difundem a

* Mestranda do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Orientador: Francisco Carlos Jacinto Barbosa. Bolsista CAPES. danicrato@yahoo.com.br

um determinado público de leitores, que geralmente pertencem a mesma camada social, ou seja, a sociedade “letrada”, alfabetizada. No entanto, devemos compreender também que tais informações contidas nos jornais não impedem que os demais grupos da sociedade tenham acesso às notícias e anúncios veiculados nestes das mais variadas formas¹.

Durante a segunda metade do século XIX, anunciava-se para o Cariri uma era de renascimento e mudanças que resultaram em um maior desenvolvimento para a região. Nesse ínterim, desponta principalmente o Crato, a mais populosa e desenvolvida cidade da região caririense, tornando-se conhecida por suas belezas naturais, manifestações religiosas e por fundar ações políticas de cunho liberal, bem como espaços públicos, associações literárias, culturais e instituições como a imprensa, hospitais e escolas.

Entre as décadas de 1850 e 1860, havia no Crato um sonho por parte dos intelectuais² que viria acompanhado das noções de civilidade que, segundo estes, deveriam presidir às vivências de mulheres e homens nos espaços privado e público, as relações interpessoais, o controle da violência pela polícia e pela justiça - enquanto agentes do Estado – a higienização dos espaços e dos corpos.

Entre os sonhos e projetos destes “intelectuais” estavam inclusos a criação da “Província do Cariri”, que tornaria o Crato como capital desta³. Houve ainda naquele momento, um esforço de instauração de uma identidade cratense, tendo esta como base os padrões de civilidade, de ordem, de progresso e de modernidade. Para isto, era necessário sacralizar o Crato como cidade modelo, era preciso fazer vir à tona os sinais de sociedade civilizada, instruída e de bons costumes.

Dessa forma, a busca por uma identidade própria calcada na propagação da civilização inquietaria alguns cratenses que faziam parte da elite e do grupo intelectual desta cidade, orientado nas lutas políticas do espírito liberal. Daí tornar-se necessária a criação da imprensa caririense.

¹ No século XIX, o analfabetismo grassava no Crato, mas a cultura letrada parecia ser um valor, e a leitura um desejo mesmo dos analfabetos. É possível inferir que a leitura fazia parte do cotidiano de muitos homens e mulheres da cidade que, sentados sempre às mesmas calçadas ou no interior de certas casas residenciais, compunham um público leitor. Através da audiência a uma leitura oralizada em voz alta essas pessoas tomavam conhecimento de textos, principalmente de jornais, revistas e de brevíários, oráculos e outros textos do gênero religioso. (CORTEZ, 2000. p. 56.)

² Esses intelectuais eram professores, advogados, padres, jornalistas, tenentes e coronéis da Guarda Nacional, médicos, farmacêuticos, vereadores, deputados, um foi senador, e tinham uma aguda consciência do papel a ser desempenhado por eles na consecução daquele projeto. (CORTEZ, 2000. p. 30).

³ Tal projeto, de criar a Província do Cariri, percorreu pelo menos três décadas, estando este aos cuidados dos políticos e da imprensa liberal da época, porém não obteve o resultado desejado.

Em 1855 surge no Crato o primeiro jornal, sendo este denominado de *O Araripe*⁴, que circulou sempre aos sábados durante o decênio de 1855 a 1865. Este atingiu lugares distantes, chegando às províncias vizinhas e tornando-se de grande influência na sociedade.

Podemos perceber através da leitura deste periódico, a influência social que este trouxera no que diz respeito às discussões em prol de melhorias públicas e administrativas, que consequentemente trariam ao Crato um passo maior para o desejo de progresso, modernidade e civilidade.

É o que podemos perceber através do comentário abaixo escrito pelo jornalista João Brígido.

(...) Donde provém o retardamento da civilização dos municípios centrais do império, quando florescem os do litoral? Por certo que da falta de administração. Bem sabemos como a afluência dos negócios, a multiplicidade dos termos distraem o governo de muitas medidas, que a instrução lhe sugere; e si tratarmos da educação, que praticamente obtêm o homem comunicando outros mais adiantados, veremos, que a longitude às capitais influi muito; pois que elas são os focos de civilização das províncias, por isto que para ali afluem a parte mais inteligente e bem educada da população de cada uma, que amiúde comunicada, transmite suas bases, seus costumes e seus modos urbanos ao habitante inculto, que vai do interior. As capitais são escolas das províncias, e sobre aquelas, que delas estão mais perto, reflete sua ilustração. Aquele trato delicado que nos vem do habitante do velho continente, é ali que vai ser bebido. Com a civilização virá a extinção do crime, o retoque de nossos costumes; (...) A ação do governo é frouxa, morosa sobre os longínquos pontos nas provinciais: Da distancia se socorrem os malfazejos, e é da distancia que se socorre a autoridade iníqua, para postergar a lei, perseguir o inimigo inocente, e deixar impune o assassino perigoso. (Biblioteca Pública Menezes Pimentel – Setor de jornais microfilmados. O Araripe, nº 01, sábado, 07 de julho de 1855).

O jornalista em sua crônica enfatiza o desejo de civilização para os lugares do interior “esquecidos” pelo governo imperial. Comenta seu pensamento inferindo que “a ação do governo é frouxa, morosa sobre os longínquos pontos nas provinciais” – lembrando que entre esses lugares, deve-se destacar o Crato.

Enfatiza a necessidade educacional nos lugares que são longe das capitais, pois segundo ele, era ali aonde a boa educação chegava mais rápida e intensamente já que estas eram “os focos de civilização das províncias”, atraindo para o seu campo as pessoas mais inteligentes, letradas e bem educadas da época. Era nas capitais que o velho continente seria bebido e só seria beneficiado das novidades e dos bons costumes quem ali morasse ou vivesse por perto, o que não era o caso do Crato, que apesar de estar localizada no Ceará e fazer divisa

⁴ O referido jornal foi o primeiro impresso na cidade do Crato sendo este editado na Typografia de Monte & Cia., na Casa do Piza. O mesmo fora fundado e redigido por João Brígido. Era um jornal semanário que lutava pelo “progresso e pela grandeza da região em que floresceu”. (PINHEIRO, 1950, p.177.)

com o Pernambuco, se encontrava distante de ambas as capitais destas províncias.⁵ Por isso trazia em seu diálogo a noção de civilização, onde estaria também ali a idéia de formação de uma identidade própria para o Cariri onde se teria o Crato como núcleo disseminador de tal civilização.

Segundo os intelectuais era preciso instruir a sociedade sendo este um meio de promover a civilização, daí a necessidade em criar escolas e a imprensa que seriam meios de “cultivar as letras” e acabar com a ignorância daquele povo que em sua maioria eram analfabetos.

Vejamos o que *O Araripe* publicou a respeito disto:

Instrução Pública:

A primeira necessidade, a mais urgente, a que, sem dúvida, trará mais glória a quem se incumbir de fazê-la aparecer é, para nós, a da instrução (...) difundindo as luzes nesta terra e facilitando a cultura das ciências á uma mocidade imensa. (Biblioteca Pública Menezes Pimentel – Setor de jornais microfilmados. O Araripe, nº 45, sábado, 17 de maio de 1856. p. 01)

Segundo João Brígido, era necessário garantir-se o ensino público, incentivar o surgimento das letras, no entanto, só as escolas não garantiriam esse incentivo, era preciso fazer surgir outros aspectos que contribuíssem com tal projeto civilizador.

Daí a necessidade de uma maior difusão do “código de postura”, que iria guiar a conduta das pessoas, reeducá-las de acordo com os hábitos e costumes da elite letrada da época, despertando nestas o espírito de civilização que tanto se propagava na época, estando este comportamento cívico moldado sob a religiosidade Cristã.

Algumas referências dos códigos de postura se encontram presentes inclusive nas páginas do *O Araripe* que apresenta neste caso, aos habitantes da cidade, os hábitos de higienização das casas e das ruas do Crato, sendo o jornal o meio utilizado para difundir as informações a cerca da educação, disciplina e dos “bons hábitos” da população.

O fiscal da câmara municipal desta cidade faz saber aos habitantes da mesma que no dia 15 do mês próximo vindouro tem de sair a correção da limpeza e varrimento das ruas, assim como a respeito dos pesos que se continua a ter dentro desta cidade [...]; cuja correção será sucedida de oito em oito dias [...] e no dia último de novembro deste ano à do levantamento das frentes nos terrenos aforados para a edificação de casas, dos reparos das frentes e calçadas das casas edificadas e dos

⁵ É bom lembrar que, naquela época, uma viagem ao litoral, (Fortaleza ou Recife) durava cerca de oito dias no lombo de cavalos. Mesmo assim, muitos homens e mulheres esforçaram-se por modelar suas condutas sociais pelos códigos de civilidade ali modelados. (CORTEZ. 2000. p.31)

quintais , que devem ser feitos de tijolo ou vara como determina a lei. E para que chegue ao conhecimento de todos, mandou lavar o presente para ser publicado na forma do estilo. Crato, 26 de fevereiro de 1857. O fiscal, Manoel de Lavor Paes Barreto. (Biblioteca Pública Menezes Pimentel – Setor de jornais microfilmados. O Araripe, nº 85, sábado, 07 de março de 1857. p. 04.)

Ainda calcado no ideal de civilização, o jornal apresenta em seus artigos as mudanças ocorridas no Crato a partir do surgimento deste, no que concerne o combate ao costume de se andar armado pela cidade e do desejo de fazer justiça com as próprias mãos, uma vez que o Crato havia sido apresentado como um “esconderijo de assassinos e vagabundos” (CORTEZ, 2000. p. 94), onde os criminosos andavam livremente pelas ruas desta cidade.

[...] Convém, porém lembrar, que, quando ainda não existia o jornalismo, as vinganças pessoais, as ofensas físicas ocupavam o lugar da acrimônia, com que é uso hoje se acometerem pela imprensa os contendores, e que, quando esta substituição não satisfaça plenamente, nós que temos o direito ao otimismo devemos a amar, já como um melhoramento de nossos costumes, um esquecimento das vinganças de sangue, anteriormente em voga. (Biblioteca Pública Menezes Pimentel – Setor de jornais microfilmados. O Araripe, nº 01, sábado, 07 de julho de 1855.)

Com o aparecimento do jornal, percebemos que os discursos no que diz respeito à criminalidade, tinham mudado os hábitos daquele povo que agora se dirigiam aos jornais a fim de anunciar e denunciar aqueles que tivessem interesse em matar alguém. É o que podemos perceber a partir do artigo a seguir:

Ao público e aos meus parentes e amigos
Por vezes tenho recebido avisos que o Sr. João de Andrade, morador no Riacho do Sangue e mais alguns seus parentes, tramam o assassinato de meu mano o padre Francisco de Souza Angelim. A princípio nenhuma importância dei a tais avisos; mas tendo estes sido secundados, para que o público, os meus parentes e amigos, saibam donde parte tal atentado (que Deus tal não permita), se com efeito ele se der, faça publicar este e desde já protesto tomar pelas vias legítimas completo desabafo contra qualquer, que tão horrível crime puser em prática ou nele tomar parte. Arneirós, 7 de agosto de 1855. Manoel Pereira da Mota. (Biblioteca Pública Menezes Pimentel – Setor de jornais microfilmados. O Araripe, nº 07, sábado, 18 de agosto de 1855. p.03.)

Podemos notar através do escrito acima que as pessoas iam ao jornal para denunciar aqueles que planejavam assassinatos e também para prevenir o público caso algo acontecesse, para que este soubesse de onde sairia o crime. Ao mesmo tempo em que era uma forma de denuncia, vemos também como um meio de buscar “apoio” e “proteção” da sociedade frente às ameaças, utilizando o jornal como um meio de obter “segurança”.

Sobre a criminalidade que era recorrente tanto no interior da província quanto no Crato, o viajante Freire Alemão, quando esteve nesta cidade por volta de 1860, atestou em seu diário sobre este lugar e sua população que :

A gente branca é pouca, mas o que chamam cabras são em grande número e me parece gente de boa índole; no entanto as rixas são comuns e facadas e mortes. Dá-se por estes sertões pouco aprêço à vida alheia. As cadeias estão cheias de assassinos e facinorosos; diz-se porém que isto tem melhorado muito; em outros tempos mesmo aqui dentro da vila se cometiam descaradamente assassinatos (de viagem os figurões, ou os que querem passar por tais, andavam sempre com um certo número de homens armados, chamados cangaceiros). A gente é de bom trato, são amáveis e obsequiosos. (DAMASCENO. e CUNHA. apud. CORTEZ. p. 44)

Vislumbrando o relato do Freire Alemão podemos perceber que a sociedade cratense por muito tempo permaneceu calcada nos ideais de “vingança e justiça com as próprias mãos” e que de fato, esse hábito havia se transformado com o decorrer dos tempos, o que não nos permite dizer ter sido essa mudança apenas fruto do surgimento do jornal – que teria controlado a violência física e moderado a conduta das pessoas – mas também de todo um processo desencadeado a partir do ideal de civilização tornando os cratenses “amáveis e obsequiosos”.

Não podemos eximir a forte influência da imprensa sobre a cidade, como agente civilizador, passando a ditar comportamentos que deveriam ser seguidos pela população, bem como publicando em seus anúncios e notícias sobre aqueles que teriam desobedecido às regras cívicas.

Com o surgimento do jornal, percebemos que houve uma influência significativa da imprensa sobre a sociedade onde verificamos que era na imprensa que “tudo virava notícia, ou seja, transformavam-se sempre pequenos fatos, incidentes particulares e mesmo brigas pessoais em notícias de importância geral” (SCHWARCZ, 1987.p.60.).

Era através desta que se destacavam os debates que ocorriam naquela época e que eram veiculados anúncios e notícias acerca dos fatos locais e das cidades vizinhas.

As pessoas iam aos jornais para ali exporem seus desejos, as injustiças que com elas estavam sendo cometidas, discutirem os mais variados assuntos – principalmente sobre a política e o comportamento da população da época – fazer denúncias, expor os objetos que estavam a venda na cidade e os que desejavam comprar e alugar, bem como anunciar os roubos ocorridos e cobrar aos devedores.

O Crato, sendo uma cidade pequena em que todos se conheciam e

conheciam os “pertences” uns dos outros, noticiar um roubo era no mínimo constranger o delituoso, prevenindo-se essa prática. Podemos inferir isto devido a raridade desse tipo de anúncio e ainda devido ao fato de que os avisos de roubos praticados geralmente ocorriam por ocasião da passagem de ciganos, a quem quase sempre eram imputados os roubos, principalmente de animais. A despeito de todas essas dificuldades, os roubos existiam, roubavam-se tachos, gamelas, espingardas, animais e até jóias e pertences pessoais. (CORTEZ, 2000. p. 46)

Igualmente podemos falar sobre os devedores da época que tinha seu nome noticiado nos jornais, o que lhes causava enorme constrangimento frente aos habitantes da cidade que buscavam uma sociedade mais civilizada. Muitos devedores inclusive, iam aos jornais justificar sua ausência quanto ao referido pagamento, outros davam satisfações à sociedade dizendo que o pagamento cobrado já havia sido efetuado ou que estavam sendo vítimas de calúnias e de difamação.

Dessa forma rompia-se através do jornal os limites do mundo privado para o mundo público, subjugando inclusive a atitude desonrosa por parte daquele que havia descumprido o acordo quanto ao pagamento das “letras” de reconhecimento de dívidas, o que denominamos hoje de promissória. Daí a preocupação em muitos buscarem a “defesa” nos próprios jornais, pois não queriam ser “desonrados” em público.

Nesse contexto social, a imprensa também expunha anúncios e notícias sobre a escravidão que ali ocorria, sem deixar de publicar fatos a cerca dos cativos de outras localidades. Era um assunto recorrente nas páginas do *O Araripe*, onde ali eram publicadas notícias diversas sobre a escravidão, bem como anúncios de compra, venda e aluguel de escravos. Os mais recorrentes eram os anúncios de fuga de escravos que apareciam quase que diariamente na seção intitulada “*anúncios*”, vindo estes na maioria das vezes, chamando a atenção do leitor a partir da imagem de um negro fugitivo.

Assim, a imprensa interagiu tanto com a polícia como também com a sociedade livre e liberta na busca do fugitivo, de modo que quem os encontrasse ou desse algum parecer sobre o anunciado, seria bem remunerado pelo dono que o buscava intensamente. É importante ressaltar que muitos senhores de escravos das províncias vizinhas, tais como Paraíba, Pernambuco e Rio Grande do Norte, publicavam no *O Araripe* anúncios dos cativos foragidos, com o intuito de alertar toda a sociedade circunvizinha sobre o fato ocorrido, de modo que quem encontrasse o cativo divulgasse o mais brevemente ao seu senhor.

Sem dúvida, *O Araripe* se tornou um meio de sociabilidade não só entre os cratenses, mas também entre os habitantes que moravam em outras localidades próximas e ali exibiam seus interesses e ideais.

Devemos entender que o espaço pensado, construído e transformado pelos intelectuais cratenses a partir de 1855 e publicado nos jornais, suscitou elaborações e representações para aqueles que vivenciavam tais momentos de mudanças na cidade em que as práticas sociais estavam ligadas aos conceitos de progresso e de civilização.

Amparados em Roger Chartier, percebemos que as representações são originadas de acordo com o interesse de um determinado grupo, onde tais representações nunca são neutras e refletem as posturas que este terá diante do mundo. Assim, vemos os jornais como lugares sociais em que as opiniões, as condutas e posturas de uma determinada sociedade são expressas naqueles espaços, na tentativa de “convencer” o outro sobre seus argumentos.

Dessa forma, partimos da idéia de que os jornais eram locais de representações, onde ali se encontrava inserida uma ideologia calcada a partir de um grupo de pessoas que projetava, discutia e representava a cidade e seus habitantes.

Referências Bibliográficas

CAPELATO, Maria Helena. **Imprensa e História do Brasil**. Imprensa Oficial e Imprensa Contestadora. O Jornal como Documento. O Papel do Jornal na História. 2ª Edição. Editora Contexto. São Paulo – SP, 1988.

CORTEZ: Antonia Otonite de Oliveira. **A construção da cidade da cultura: Crato (1889-1860)**. 2000. [210f]. Dissertação (Mestrado em História Social). Universidade federal do Rio de Janeiro – Rio de Janeiro, 2000.

CHARTIER, Roger. **História cultural entre práticas e representações**. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1990.

DAMASCENO, Darcy e CUNHA, Waldir da. *Os manuscritos do botânico Freire Alemão*. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1964, p. 303. APUD. CORTEZ. Otonite.

FREYRE. Gilberto. **O escravo nos anúncios de jornais brasileiros do século XIX**. Ed. Brasiliense. 2ª edição. São Paulo, SP, 1979.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Retrato em branco e negro: jornais, escravo e cidadãos em São Paulo no final do século XIX**. Companhia das Letras. São Paulo, 1987.